

Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema

Paul Vecchiali, fazer cinema na diagonal | Paul Vecchiali

4 de Fevereiro de 2025

Bonjour la langue / 2023

um filme de Paul Vecchiali

Realização: Paul Vecchiali *Argumento:* Paul Vecchiali, Pascal Cervo *Fotografia (digital):* Philippe Bottiglione *Som:* Elory Humez, Greg Le Maître *Montagem:* Vincent Commaret *Música:* Roland Vincent *Correcção de cor:* Herbert Posch *Mistura:* Elory Humez *Assistente de realização:* Julien Lucq *Assistente de imagem:* Augustin Lauth *Excertos de:* Le Cancre (Paul Vecchiali, 2016) *Interpretação:* Paul Vecchiali (Charles), Pascal Cervo (Jean-Luc), Julien Lucq (Mauriece, o empregado do restaurante).

Produção: Dialectik, com o apoio da Shellac Sud (França, 2023) *Produtor:* Paul Vecchiali *Título de trabalho:* Au nom du père *Título na cópia:* Bonjour la langue (impromptu) *Cópia:* DCP, cor, falado em francês com legendas electrónicas em português, 80 minutos *Estreia mundial:* 6 de Agosto de 2023, no Festival Internacional de Cinema de Locarno (Fuori concorso) *Inédito em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

Bom dia à língua (improvisado). Rodado num dia de Outubro de 2022 à beira do Mediterrâneo, no Sul de França, em três cenários exteriores, o filme para dois actores (e um figurante) que remata a filmografia de Paul Vecchiali, desemboca numa íris com vénia a Jean-Luc Godard. É para Jean-Luc, o nome do filho neste filme em contracena com o pai chamado Charles, a última dedicatória do cinema de Vecchiali. Foram contemporâneos neste mundo dos vivos (ambos nascidos em 1930, até 2022 e 2023), em que tiveram ocasião de trocar elogios. Vecchiali nunca os poupou a Godard, Godard exprimiu-os pelo menos a propósito da comoção de *En haut des marches*, que também tocou Anne-Marie Miéville quando Freddy Buache lhos mostrou (1983, o Vecchiali “biográfico” com histórias da Ocupação e Danielle Darrieux), pela atenção com que viu os travellings de *Once More* (1987, um primeiro retrato da epidemia da SIDA), pelo que reconheceu como um “milagre” em *À vot’bon coeur* (2003, o filme que inaugurou a série “Anti-dogma” no cinema de Vecchiali e o do seu verdadeiro começo como realizador-actor). *Adeus à linguagem*, o Godard de 2014 que Vecchiali superlativou (não foi o único), suscitou-lhe uma reacção em modo Ozu, *ohayo*. Bom dia.

Bonjour la langue (impromptu) encena um reencontro entre um pai e um filho interpretados por Vecchiali e Pascal Cervo, após seis anos de afastamento e uma tragédia que ceifou a vida às duas mulheres que compunham o núcleo familiar, mulher e filha ou mãe e irmã daqueles dois. É um reencontro sem aviso, certo dia em que Jean-Luc desembarca na estação de Draguignan e procura a casa paterna, onde sem saber que ele vem, Charles o espera na cadeira voltada para o portão de entrada. Acertam contas, ou antes, trocam palavras, esgrimem argumentos, sondam sentimentos, acontecimentos idos, não fogem de fantasmas. Com sentido de humor, drama, intimidade. A dois, expõem-se vulnerabilidades humanas, a primazia das personagens, o lugar da paisagem, uma coreografia de corpos, uma simplicidade de meios que se reconhecem ao cinema de Vecchiali. “Independente, dialético, humanista” ou “em diagonal”, enraizado numa ética-estética de cineasta que inclui “a coisa e a crítica da coisa” cedo notada por François Truffaut a propósito de *Les Roses de la vie* (1962) e a que Vecchiali assentia como princípio. Antes do “anti-lema” do dogma, surgido para inscrever a independência militante, a resistência criativa do realismo poético do seu cinema de realizador-produtor, e de realizador-produtor-actor nos últimos anos.

Bonjour la langue. Poderá haver cinco partes: Regresso, Questões, Domínio, Refeição, Despedida – algures está escrito que Vecchiali estruturou este filme em cinco actos, depois de reconverter o projecto de uma adaptação a chamar *Au nom du père*, favorecendo “o improviso” com Pascal Cervo, um cúmplice desde pelo menos *Faux Raccords* (2014). É mais imediato identificar três blocos, amiúde suspensos pela espécie de *flashbacks* de pai e filho que os leva, ou leva os dois actores, de volta a *Le cancre* (2016, em que os dois são pai e filho e em que há uma personagem chamada Marguerite, aqui aludida). São *flashbacks* breves. Os três blocos são consistentes com os andamentos narrativos do reencontro, à porta de casa; da conversa, na esplanada do restaurante no parque; da revelação, no descampado com montanha ao fundo. Campos e contracampos nos andamentos 1 e 2; um longo plano-sequência no terceiro, com as personagens em primeiro plano, a montanha rigorosamente enquadrada a meio da imagem e o cume a quase bater no limite superior do quadro. São uns quinze minutos de filme, os últimos quinze minutos do cinema de Vecchiali, belos quinze minutos, a sua última conversa de cinema num papel de pai por escolha e afinidade.

No princípio é um grande plano desfocado de homem com chapéu escuro e máscara branca. O verbo vem inscrever o “Anti-dogma 17”, depois o título num arranjo gráfico de linhas diagonais a branco e azul que emoldura o rosto desfocado e preenche o espaço branco da grande máscara cirúrgica: *Bonjour la langue (improvisu)*. *Bom dia língua (improvisu)*. Os créditos correm na diagonal sobre a imagem fixa que vai focando, os contornos do rosto mostram-no de olhos fechados. A Paul Vecchiali, embrulhado num cachecol sobre gabardine, olhos abertos depois da última inscrição: *integralmente improvisado por Pascal Cervo e Paul Vecchiali*. No contracampo geral, Pascal Cervo de corpo inteiro, braços estendidos. Mas não é tudo: nos primeiros “fotogramas”, o som do apocalipse, isto é, o som de um helicóptero, cede ao sossego natural de uns chilreios, dando prova de vitalidade na banda sonora antes de a imagem “descongelar”; os olhos do homem abrem com a batida surda do saco de viagem que a mão do homem mais novo larga. A voz de ancião é a do narrador, um pai que fala do filho que tem de novo diante dos olhos. “És um fantasma ou és mesmo o meu filho?”

Bonjour la langue acabaria por estrear como título póstumo, o último de uma filmografia de sete dezenas de entradas, construída à margem do sistema, das vagas, de tendências. Arreigada numa sentida cinefilia, nas raízes proletárias de Paul Vecchiali, que costumava falar delas como falava – e escrevia, que muito escreveu – do amor pelo cinema popular, e em especial pelo cinema francês dos anos 1930, por Jean Grémillon e Max Ophüls, pela paixão despertada por Danielle Darrieux em *Mayerling*, o filme de Anatole Litvak visto em pequeno. Mas são Jean-Luc Godard e John Ford os citados neste filme, em que pai e filho trocam memórias cinéfilas num jogo cruzado de títulos. E é de western – não de melodrama, não de musical, os géneros mais trabalhados por Vecchiali – que o filho fala ao pai, a quem várias vezes pergunta se estará mesmo acordado ou adormecido num sonambulismo lá dele. O genérico de fim começa falado como no inicial *Mépris* de Godard (outra vez ele) e, a cores, actores e técnicos sorriem atrás de iris electrónicas como no cinema mudo. Tem tudo graça, até pela graça que tem o que Vecchiali não se ralava com o ser sentimental. Chorava e piscava os olhos como sabia ser enxuto. Será que gostou dos filmes de Hong Sangsoo, que também em 2023 realizou um “filme desfocado” e que, como ele, de outra maneira, arranjou um bando e um modo de fazer em bando quando era – é – preciso? Não sabemos, dos mais novos costumava falar dos “seus”, de Laurent Achard, Serge Bozon, Axelle Ropert.

A Dialética, a Diagonale, a independência, o romantismo de Paul Vecchiali, ou o lugar da casa, da música, a sua entrega à mise-en-scène, estão noutras “folhas”. Esta fica-se pelo último plano, o plano da montanha, um plano Cézanne.

Maria João Madeira